

## **Ruas comerciais e sentidos em construção: entre os bairros e a cidade<sup>1</sup>**

Marcelo Machado Martins (UFRPE: UAG); Anna Vörös (UAM), Anthoula Fyskatoris (PUC/SP: COS), Josenilde Souza (PUC/SP: COS), Kathia Castilho (PUC/SP: COS), Raquel Maia (UAM), Taísa Vieira Sena (PUC/SP: COS) e Vera Pereira-Barretto (PUC/SP: COS)

[machadomartins@yahoo.com.br](mailto:machadomartins@yahoo.com.br)

**Resumo:** Neste trabalho, apresentam-se diretrizes gerais que norteiam as análises de práticas sociais que se desenvolvem em ruas que integram polos comerciais de moda e de consumo de moda em São Paulo, a José Paulino e a Oscar Freire. Estudos sobre o espaço que ganharam corpo na semiótica greimasiana são retomados pelo viés de recentes discussões promovidas pela sociosemiótica, que, aqui, mediou a utilização de metodologias de outras disciplinas que ancoraram a presente pesquisa. Como resultado, verificou-se, por um lado, que há diferentes sentidos que se constroem nas relações estabelecidas entre rua/bairro, rua/cidade e entre as ruas analisadas. Por outro lado, o consumo de moda nesses espaços se constrói de maneira semelhante, quando se considera, por exemplo, que o transeunte (semanticamente denominado comprador, passante, *flaneur*, curioso, etc.) reveste-se com o que se apresenta nas vitrines das lojas – estabelecendo uma relação de contiguidade com elas –, mas com sentidos diferentes que emergem das práticas desencadeadas em cada uma das ruas.

**Palavras-chave:** semiótica, espaço, consumo de moda

**Abstract:** In this paper, we present general guidelines that govern the analyzes of social practices develop into streets that integrate trade hubs and mode of consumption of fashion in São Paulo, the Jose Paulino and Oscar Freire. Studies about the space have gained importance in semiotics greimasiana and here they are related with the discussions promoted by sociosemiotics, used like intermediate among methodologies of other disciplines who anchored to the present research. As a result, it was found that, on the one hand, that there are different meanings that are constructed in relations established between street/street/city, and between the streets analyzed. On the other hand, the consumption fashion in these spaces is constructed in a similar way when one considers, for example, the transient (coated as semantically purchaser passing, *flaneur*, odd, etc.). He is coated with everything is presented in shop windows - setting a relative contiguity with them - but with different directions emerging from practice triggered in each street.

**Keywords:** semiotics, space, fashion consumption

---

<sup>1</sup> Este artigo se insere nos estudos desenvolvidos pelo *Atelier Moda, Corpo e Consumo*, que integra o projeto “Práticas de vida e produção de sentido na metrópole de São Paulo: regimes de visibilidade, regimes de interação e regimes de reescritura”, desenvolvido no CPS – PUC: SP. Coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Kathia Castilho, o *atelier* conta também com a participação dos seguintes pesquisadores: Anna Vörös, Anthoula Fyskatoris, Josenilde Souza, Raquel Maia, Taísa Sena e Vera Pereira-Barretto. Trabalhos particulares do referido grupo, já apresentados em eventos diversos, serão retomados no decorrer deste artigo.

## 1. Transdisciplinaridades do espaço urbano mediadas por estudos da sociossemiótica

Viver na cidade significa para o indivíduo ser o lugar para onde convergem todas as mensagens espaciais, mas é também reagir a estas mensagens, engajando-se dinamicamente nos múltiplos programas e mecanismos que o solicitam e que o constroem.

A. J. Greimas

Entendido como um conceito que totaliza qualidades sensíveis por meio das quais o mundo se manifesta ao sujeito e se torna por ele uma realidade significativa, o *espaço*, do ponto de vista da significação, aqui voltado para o espaço de ruas, de bairros e da cidade de São Paulo, pode ser apreendido por meio de dois procedimentos complementares: *a inscrição da sociedade no espaço e a leitura dessa sociedade através do espaço*.

No primeiro caso, discute-se a organização das formações das sociedades urbanas por meio de oposições apreensíveis na espetacularização do que nos é apresentado: englobante vs. englobado; sagrado vs. profano, privado vs. público, externo vs. interno; superior vs. inferior; natureza vs. cultura, identidade vs. alteridade, dentre outras oposições.

No segundo caso, à predominância de uma certa estaticidade dos constituintes espaciais que geram determinadas taxionomias são sobrepostas sintaxes sociossemióticas – portanto, dinâmicas – em que atores do discurso (ou sujeitos das narratividades) são apreendidos em atos ou em situações de comunicação. Vale dizer que os mesmos procedimentos de análise e interpretação dos fatos semióticos encontrados nesse segundo caso também podem o ser no primeiro caso (e vice-versa), mas a partir de diferentes perspectivas – aqui discretizadas pela oposição fundamental entre estaticidade vs. dinamicidade.

A complementaridade da apreensão do significado espacial das cidades desencadeia leituras diversas, dentre as quais podem ser citadas as estereotípias, as relações interdiscursivas; as formações éticas e estéticas das cidades, as relações entre objetos e valores (objetivos e subjetivos) que o espaço orienta aos sujeitos, etc. Em “Por uma semiótica topológica”, Greimas (1976, p. 118), ao discutir questões referentes a essa semiótica em particular,

nomeia as duas grandezas acima apresentadas sumariamente, as sociedades no espaço e a leitura dessa sociedade no espaço, como *significante espacial* e *significado cultural*, respectivamente. Para o semiótico, “(...) uma *topia* só é possível postulando uma *heterotopia*: é só a partir deste momento que um discurso sobre o espaço pode instituir-se. Porque o espaço assim instaurado nada mais é que um *significante*; ele está aí apenas para ser assumido (...) [e é] o homem que é o *significado* de todas as linguagens” (p. 116). Ainda, segundo o autor, “Qualquer comportamento humano, nem que seja um ‘cavar um buraco’, por exemplo, é duplamente significativo: primeiro, para o sujeito do fazer, depois para o espectador deste fazer” (p. 119), afirmação que reitera a ideia da complementaridade já apontada, qual seja, a da relação entre a inscrição da sociedade no espaço e a leitura dessa sociedade através do espaço, destacando a premissa de que “qualquer transformação do espaço pode ser lida como significativo” (p.119).

No texto citado, Greimas articula as definições de uma semiótica topológica na tríade do *belo*, do *bem* e do *verdadeiro* (bonito, bom e útil), ou ainda, no *estético* (beleza e feiura), no *político* (“saúde” social e moral) e no *racional* [ou *funcional*] (eficácia de funcionamento, economia de comportamentos, etc.) (p. 122-123). Essas três categorias semânticas gerais podem ser sobremodalizadas axiologicamente pela foria (euforia vs. disforia), do ponto de vista da própria sociedade ou do ponto de vista do sujeito-cidadão integrante ou englobado por este espaço.

Partindo desses princípios, o presente estudo intenta discutir aspectos concernentes a uma sociosemiótica da cidade de São Paulo, integrando-se ao projeto “Práticas de vida e produção de sentido na metrópole de São Paulo. Regimes de visibilidade, regimes de interação e regimes de reescritura”, que visa a contribuir para o entendimento do espaço urbano, com todo o seu emaranhado de complexidades linguageiras. Por meio dos procedimentos analíticos e interpretativos da semiótica, busca-se a elaboração de um modelo ou de uma conceituação metodológica comum aplicável às cidades. Se se tomam as categorias semânticas de Greimas apontadas anteriormente, devem-se considerar, na elaboração do modelo, as orientações já estabelecidas pela própria semiótica, de modo que se possa trabalhar com as diferenças de

investidura semântica, sempre a partir de estruturas abstratas (ou profundas) gerais, que podem ser utilizadas para a análise de qualquer espaço urbano.

Assim, leva-se em conta o próprio contexto físico, regional, espacial, bioecológico, climático, etc. das cidades (e dos bairros ou das ruas, como fizemos aqui) para que sejam evitadas particularizações que não deem conta de diferenças culturais, tais como o que geralmente acontece quando se trabalha com as ordens sensoriais, que são orientadas pela própria cultura. Para alguns sul-americanos, por exemplo, determinados sons (ou a falta deles) em espaços “estrangeiros” caminham para a disforia, bem como um toque menos invasivo entre pessoas, o nojo que se tem de algumas culinárias, os cheiros de certos ambientes ou o que se considera poluição visual de determinados espaços. Essas questões são relativas a uma semântica mais superficial das relações estabelecidas entre sujeito e espaço e, por isso, não devem integrar categorias mais abstratas da significação, pois apenas as tematizam por meio de figuratividades diversas.

Outra implicação importante a ser considerada a partir do exposto diz respeito ao tratamento a ser dado a cidade (ou aos bairros e às ruas), qual seja, a de que é, como se disse, matéria significativa e, portanto, deve ser considerado um “texto”, na sua acepção mais ampla. Como texto, expressa um conteúdo, e as relações estabelecidas entre texto e conteúdo produzem discursos. Nesse texto, não estático e absolutamente dinâmico, inserem-se práticas sociais (outros textos/discursos) de sujeitos que reiteram, reescrevem, desconstroem, etc. discursos sociais que se manifestam no próprio texto-cidade. Este, por sua vez, é concebido como “espaço” de um conjunto de inter-relações e de interações entre sujeitos e objetos.

Como se verá mais adiante, trabalhos anteriores a este que ora se apresenta já discretizaram particularidades de ruas (e bairros) e, na sequência, efetuaram comparações entre os objetos analisados. Assim, no próprio procedimento analítico das grandezas encontradas, delimitaram-se quais aspectos são pertinentes para as leituras comparativas propostas, dadas a infinidade de comportamentos humanos transformadores do espaço e a infinidade de organização espacial transformadora de comportamentos humanos. Além disso, deve-se considerar o fato de que um estudo topológico como aqui se pretende é constituído por propriedades (comuns ou não) dos

objetos em questão. Disso resulta que a diretriz orientadora desta pesquisa volta-se para a apreensão de culturas urbanas ou de estilos de vida, por exemplo, inseridos e sempre apreensíveis da dinâmica do espaço urbano – e a particularização e a comparação dos bairros e das ruas aqui pretendidas integram uma “fotografia” de um espaço maior de articulação, a própria cidade de São Paulo.

Como espaço englobado das cidades (embora possa, de outra perspectiva, ser considerado espaço englobante), as ruas – objeto primeiro das análises – são revestidas de significados simbólicos nos quais se destacam determinadas rotinas, orientando, portando, sentidos diversos: ponto de encontro ou de socialização, percurso de passagem, trajeto de compra, etc. Em todos os casos, é possível recuperar uma narratividade dos sujeitos que realizam essas ações, bem como desenvolver uma análise figurativa e temática da cena descrita – considerando o ato de transitar/flanar/parar si como uma experiência vivida e sensível.

Com efeito, lança-se mão dos princípios gerais da semiótica para a elaboração deste trabalho, centrado na sociosemiótica, num constante exercício de aproximação e de afastamento ou de um ir e vir da análise do objeto à observação participante (pois, além de interagir no trajeto da pesquisa, somos também informantes). Além disso, os estudos ora propostos aliam-se de maneira transdisciplinar a trabalhos de vertente etnográfica ou antropológica e, por isso, considera-se, aqui, que:

“[a] observação também proporciona *insight* ricos ao focar os detalhes do comportamento humano – uma lente *zoom* em vez de grande angular. [a observação] proporciona *insights* sobre o cotidiano que desconhecemos (...) e pode mostrar os modos pelos quais o produto é usado no mundo real” (DESAI, 2002).

Assim, a observação de práticas sociais vividas e sensíveis não tem um fim em si mesmo, qual seja, o de “constatar” fatos e experiências. Ela vai muito além, na medida em que tal observação pode contribuir para a elaboração de uma “descrição mais densa sobre o que um grupo de pessoas faz e o significado desses atos para elas, considerando o contexto em que elas vivem” (GEERTZ, 1989). Essas ideias também são corroboradas por Marsciani, quando ele explicita o percurso de suas investigações da seguinte maneira:

“O que eu quero mostrar em particular é a diferença entre pelo menos dois níveis de análise. Existe, é claro, um nível importante que consiste no que as pessoas dizem, o que as pessoas relatam a respeito de seus sentidos, suas intenções, os valores que conhecem e podem dizê-los aos *designers*, suas memórias, talvez seus sonhos e talvez os problemas que eles podem elaborar de uma maneira cognitiva e linguística. Esses ‘relatos’ e essas ‘descrições’ podem ser tratados como textos clássicos e de uma maneira tradicional. Mas há outro nível de análise que pode oferecer outros elementos para uma apreciação analítica, os quais podem nos revelar um ‘quê’ analítico a mais. Esse é o nível das imagens experimentadas [em, por exemplo] na avenida, na ação de andar por ela, e as imagens pelas quais as pessoas se encontram nessa ocasião”. (2012, s/p.).

Na sequência, são apresentados e discutidos os resultados preliminares de dois trabalhos provenientes do projeto “Práticas de vida e produção de sentido na metrópole de São Paulo: regimes de visibilidade, regimes de interação e regimes de reescritura” (VÖRÖS, SOUZA, CASTILHO, *et. al.*, 2012 e 2013), conforme sinalizado na primeira nota de rodapé deste artigo.

## **2. Simulacros espaciais e as interações do sujeito nas ruas da cidade**

À concepção de experiência estética como encontro providencial e efêmero é contraposta a ideia de uma aprendizagem do sentido estésico dos objetos mediante processos graduais de ajustes às qualidades sensíveis dos elementos com os quais o sujeito interage, quer se trate de obra de arte (...) ou ainda das coisas mais ordinárias que compõem o meio ambiente da vida cotidiana.

E. Landowski

Nosso trabalho com o espaço centra-se na apreensão de sentidos, na comparação e na análise de dois polos comerciais de moda e de consumo de moda na cidade de São Paulo, a rua Oscar Freire e a rua José Paulino. Como previsto em artigos anteriores (VÖRÖS, SOUZA, CASTILHO, *et. al.*, 2012 e 2013), discutem-se, neste artigo em particular, diferentes modos de presença e

de estratégias de (in)visibilidade e ocupação desses espaços, respeitando suas características inerentes. Como se sabe, a José Paulino “é uma região dedicada ao comércio de artigos têxteis, que se estruturam em confecções e lojas próprias (...). Trata-se do centro de distribuição e vendas em atacado para lojistas ou sacoleiras (...)”, enquanto a Oscar Freire é reconhecida como “um dos pontos de comércio das marcas de luxo da cidade de São Paulo (...) onde reveste-se de *glamour*, com lojas de artigos sofisticados e restaurantes badalados que poderiam estar em qualquer uma das famosas avenidas (...), o que lhe valeu o reconhecimento como a oitava rua mais luxuosa do mundo”.

As escrituras do espaço urbano demandaram uma série de ações, geralmente realizadas há muito tempo, que lhe deram o sentido arquitetônico, urbanístico e comercial que ele tem na atualidade. Considerando, por exemplo, a rua José Paulino, que fica no Bom Retiro, o fragmento abaixo é um bom exemplo para apreender a organização diacrônica do bairro, fazendo resultar na rua em questão suas características tão peculiares:

“Na década de 1950, o ‘bairro israelita’, como era chamado, confirmou sua vocação comercial fundamentalmente de produtos de vestuário, ainda que muitas vezes, nos fundos, as lojas abrigassem as pequenas oficinas de costura que davam sustentação à atividade comercial. Nas mãos de judeus, havia também pequenas fábricas de roupas finas e multiplicavam-se os estabelecimentos comerciais de atacado e varejo (...). Nesse período, emergiram também as primeiras galerias e centros comerciais”. (FYSKATORIS, 2013, s/ind.)

Na contemporaneidade, porém, há outros processos que se desenvolvem em várias cidades, e eles pretendem, por meio do poder público ou de organizações de bairro/comerciais, “redesenhar” ou “revitalizar” um determinado espaço urbano. Assim, a sociedade, como sujeito sancionador dessas ações, em suas interpretações, *naturaliza* esse fazer cultural que pretende dar “vida nova” ao espaço re-construído, principalmente se as ações são orientadas para o intento de deixá-lo (mais) habitável, seguro, estético, ético, de fácil acesso, etc. Nesses processos de re-construção de ruas, bairros e cidades inteiras, constroem-se figurativamente o “novo”, que, por sua vez, estabelecerá uma relação dialógica com o “antigo”. Nele, ainda, vão ser destacados ou superestimados determinados qualificadores (adjetivadores)

desses espaços, que orientam, numa leitura rápida desses espaços, para a estereotipia.

As pesquisas realizadas por nosso grupo, até o momento, porém, mostram que as estereotipias das ruas apresentam relações diferentes com um todo circundante, quer o bairro, quer a cidade – fundamentadas, inclusive, nos dizeres de Marsciani, entre “a memória estática e o presente dinâmico” (2012, s/p.).

Com efeito, pode-se apreender que as ruas analisadas, José Paulino e Oscar Freire, do ponto de vista de seus respectivos *bairros*, apresentam similaridades com ruas transversais e paralelas, dialogando positivamente com elas. Destaca-se, no entanto, que essas ruas coabitam um espaço bairrista em que se opõem, em maior ou menor grau, ruas com características distintas, distanciando-se, inclusive, com o que se apresenta no quadro geral das ruas analisadas (vide Tabela 1). Assim, se consideradas nos espaços do *bairro* apenas, as ruas ou se assemelham ou se opõem umas às outras.

Por outro lado, com relação à *cidade* de São Paulo, tanto a José Paulino como a Oscar Freire estabelecem outras relações de sentido com esse espaço englobante. De um lado, são particularizações espaciais que definem fragmentos do que vem a ser a própria cidade: o comércio popular e o comércio de luxo, com suas respectivas características de disposição espacial, constroem metonímias da grande metrópole que as engloba. Ao mesmo tempo, essas ruas são generalizações da própria cidade, tendo em vista a conjunção e a coabitação harmoniosa de “iguais” e “diferentes” que transitam, que trabalham, que vivem, que compram, etc. nesses espaços específicos.

Dito de outro modo, como espaço englobado, as ruas estabelecem relações distintas com os diferentes espaços englobantes: bairro e cidade, respectivamente. Essa caracterização mais geral pontuada por nosso trabalho deve ser observada em pesquisas que tratam de outras ruas e bairros. Se se confirmar, é possível que este seja um aspecto importante a ser considerado nos estudos do espaço, como se pretende aqui.

Se as escrituras iniciais das ruas obedeciam a ordens de urbanização impostas pelo poder público quanto aos seus modos particulares de organização, o poder transformador do homem, dentro de uma cadeia de tempo, possibilitou a reescritura do espaço, de modo que ele passou a

consolidar a tendência de sua própria identidade. E essa identidade, por sua vez, é um vetor para que os sujeitos se identifiquem ou não com tais espaços, e eles, ao mesmo tempo, ao estabelecerem diferentes relações com o bairro e com a cidade, apresentam atrativos diferenciadores e identificadores para o seu público.

Comparadas, a José Paulino e a Oscar Freire são aspectualizadas de modo diferente: na primeira, destaca-se uma imagem regida pelo excesso – de pessoas transitando, se tocando, falando; de compradores, de barracas de toda sorte de produtos nas calçadas e nas próprias ruas que disputam clientes com as lojas, que, por vezes, também invadem o espaço da calçada ao colocarem nele prateleiras ou mesas para o lado de fora de seu espaço; de cores e formas, que assume a infinidade de produtos que são ali expostos e comercializados e que se misturam com uma diversidade também grande de corpos e estilos dos compradores.

Por outro lado, na Oscar Freire, apreende-se uma imagem regida pela justa-medida (ou dela se aproxima): não há aglomerações que obrigam as pessoas, ao transitarem, se tocar, por exemplo; mesclam-se compradores, *flâneurs*, curiosos, passantes; ocorre pontualmente a presença de um ou outro vendedor ambulante; não há invasão da loja no espaço da calçada, mesmo porque ela serve como espaço da plateia para o palco que é a entrada ou a vitrine da loja; cores e formas integram o espaço, mas como estratégias particulares do *visual merchandising* das lojas, sobretudo nas vitrines, de modo a despertar a atenção dos clientes em potencial. Essas discretizações fazem com que o próprio tempo seja, então, apreendido de modo diferente: na José Paulino, ele é intenso, rápido e caótico; na Oscar Freire, ao contrário, o tempo é distenso, lento e organizado.

Diferenças contrastantes nos possibilitam a apreensão de outros sentidos para as ruas em questão. Tomando por base o modelo catastrofista de Landowski (2005, p. 102), pode-se dizer que a rua José Paulino preenche a posição de um *contínuo*, enquanto a rua Oscar Freire a de um *não-contínuo*. Não obstante as diferenciações e distinções já apontadas anteriormente, apreende-se uma *sucessão monótona* na José Paulino, ao contrário do que ocorre na Oscar Freire, uma *sucessão não-monótona*. Na primeira, destaca-se a *necessidade* dos sujeitos, na segunda a *não-necessidade*. Na José Paulino,

instaura-se a *rotina*, até mesmo pelo excesso de coesão; na Oscar Freire, a “*fantasia*”, as escolhas, pela organização melódica que a compreende. Na José Paulino, a aglomeração se faz sempre presente e se figurativiza nas pessoas diferentes, mas iguais; enquanto na Oscar Freire, onde não ocorre aglomerações, as pessoas são iguais, mas diferentes.

Na Oscar Freire, a fruição é lenta, mesmo porque os compradores e transeuntes caminham por ela para verem e serem vistos, e essa mão dupla da visibilidade é determinante na gramática que se desenvolve nessa rua. Na José Paulino, por outro lado, a gramática da visibilidade se reduz ao percurso do sujeito para os pontos de venda e produtos, mesmo porque, apesar de usarem os produtos da rua/região, tais sujeitos estão ali para as compras, apenas. E isso faz com que o tempo seja, então, acelerado, pois essa etapa é apenas uma dentro de outras que se desenvolvem num longo percurso (no caso das sacoleiras, por exemplo, de organização das compras para a volta às suas cidades de origem, remarcação dos preços, exposição nas lojas e finalmente a venda).

Considerando que o olhar do observador dessas ruas, neste contexto em particular, é um olhar voltado para o comércio e o consumo de moda, as diferenças apresentadas acima já orientam para os tipos diversos de relações que são estabelecidas, nessas ruas, entre o consumidor e os comerciantes/comerciários, entre os transeuntes e os artefatos que compõem o cenário das ruas (as calçadas, as lixeiras, as rampas de acesso, as barraquinhas de vendas de produtos diversos, inclusive de lanhe, a arborização, os modos de apresentação de produtos pelas vitrinas, os atrativos de apreensão de atenção: luzes, portas, manequins, etc.), entre os próprios sujeitos das compras, entre os passantes, dentre outros aspectos.

A naturalização da *estética* desses espaços segue um padrão que reafirma suas características estereotipantes. Contrastam-se, aqui, desse ponto de vista, elementos que desencadeiam leituras opostas que relacionam a beleza e a feiúra. Tal leitura interpretativa é imediata se se considera, por exemplo, a disposição de lixeiras instaladas e o seu uso propriamente dito: na José Paulina, há poucas lixeiras, e as que existem transbordam de lixo, que se acumulam no chão das esquinas; na Oscar Freire, há um bom quantitativo de lixeiras, que são mais inteligentemente utilizadas,

inclusive. Na primeira rua, não há arborização; já na segunda, ela existe; e isso faz com que o sujeito tenha uma relação estética e sensível diferente com a própria rua. Ao mesmo tempo, o eixo que trata da *política* do espaço (de sua “saúde” social e moral”, como diria Greimas, conforme discutido acima), deixa a desejar em ambas as ruas, quando se considera a acessibilidade desses lugares, não projetados para a inclusão de portadores de deficiências, por exemplo. Na Oscar Freire, porém, ainda é possível, pelo espaçamento da calçada, cadeirantes trafegarem; na José Paulino, até mesmo pelo excesso de pessoas nas calçadas, essa empreitada se torna muito mais difícil – senão, impossível. Por fim, no plano da *racionalidade*, destaca-se o quesito da funcionalidade das ações que lá serão desenvolvidas pelos sujeitos.



Do ponto de vista *estético*, na José Paulino ganha forma uma estética que se baseia no excesso ou no hiperbolismo de um caos polissensorial, pois se misturam, mesclam-se, sobrepõem-se e disputam um mesmo espaço diversas e diferentes visualidades, audições, tatilidades, olfatividades, paladares. Na Oscar Freire, ao contrário, como já se apontou, a organização estética se constrói por uma certa justa-medida, inclusive na apreensão dos sentidos sentidos. Como apontado em trabalhos anteriores, os produtos das

vitruines e das lojas de ambas as ruas são contíguos à indumentária da maioria dos corpos que adentram essas lojas ou param para contemplar suas vitruines. Na José Paulino, sobressaem os produtos populares e falsificados; na Oscar Freire, os produtos de marcas e originais. Essa figurativização contribui também para uma leitura estética dos espaços em questão.

Por outro lado, do ponto de vista *político*, as ruas pouco direcionam sua organização de modo a acolher o “diferente” – se se consideram os discursos da “aceitação e respeito ao diferente” propagados nos dias de hoje. Na Oscar Freire se destaca a presença de certos militares, que parecem coabitar de maneira tranquila esse espaço, mesmo que para eles seja um local de trabalho; na José Paulino, o policiamento – quando há – se mostra menos “à vontade” ou menos integrado, revelando tensões nos próprios sujeitos que o fazem. Os sons e barulhos da cidade se integram de forma harmônica aos sons e barulhos da rua na Oscar Freire, não disputando a audição dos pedestres – situação inversa do que ocorre na José Paulino.

Do ponto de vista da *racionalidade*, por fim, em ambas as ruas há uma organização particular para dar funcionalidade aos locais que abrigam. Embora careça de espaços de alimentação, na José Paulino há uma ou outra lanchonete (sobretudo em ruas paralelas ou dentro dos *mini-shoppings*) e ela comporta alguns pontos específicos – e não estratégicos – para que o pedestre possa pegar um táxi ou tomar um ônibus, que disputam também espaço, na rua, com os próprios transeuntes, com os carros de passeio, com as bicicletas e com as motos. Na Oscar Freire, há outras maneiras de serem organizados os espaços de alimentação (restaurantes, cafés e padarias), bem como há uma certa estratégia na localização de bancas de jornal e revistas e bancos de assento à disposição dos pedestres, que, por sua vez, têm mais facilidade em pegar uma condução, caso precise.

Retomando os *Diários de Pesquisa* minuciosamente apresentados em Vörös, Souza, Castilho, *et. al.* (2013), este trabalho reitera as ocorrências e jogos de visibilidades apontados pelos autores (vide tabela abaixo), entendendo tais diferenciações como marcas orientadoras das relações estabelecidas entre sujeito e espaço, sujeito e compra e sujeito e moda.

Oscar Freire	José Paulino
busca de visibilidade – ver e ser visto	busca de (in) visibilidade
ritmo lento, passear, flunar	ritmo acelerado, objetivo específico
marcas de luxo e produtos diferenciados	marcas e produtos populares
roupas despojadas, mas de grifes	roupas básicas e confortáveis
sapatos confortáveis de grife	sapatos confortáveis
bolsas e acessórios de marcas reconhecidas (originais)	bolsas e acessórios de marcas reconhecidas (falsificados)
calçadas largas e pouco adensadas onde os corpos não se tocam (a menos que haja intenção de fazê-lo)	calçadas estreitas onde os transeuntes disputam espaço com os ambulantes com constantes encontros de corpos
sensação de segurança	sensação de insegurança
corpos abertos, exibindo seus pertences	corpos tensos, protegendo seus bens
vários cafés e restaurantes como locais de encontro, para degustação	raras opções de alimentação, na maioria <i>fast food</i>
ruas arborizadas, fiação enterrada, muitas lixeiras e quase nenhum lixo	inexistência de árvores, fiação aparente, poucas lixeiras e muito lixo nas ruas

Tabela 1 - Quadro comparativo entre o comércio das ruas Oscar Freire e José Paulino.

A pesquisa *in locu* das ruas analisadas que orientou este trabalho desencadeou a possibilidade de verificar uma significação de práticas sociais que se processou num crescendo de sentido, sempre considerando as relações entre o sujeito, o espaço, o consumo e a moda. Dela, apreendeu-se a necessidade de relacionar a rua, ora com o bairro, ora com a cidade; sendo que relações diferentes fazem emergir sentidos diversos nas identidades dessas ruas. Assim, aliando-se a orientação da pesquisa semiótica às práticas desenvolvidas por outras disciplinas das ciências sociais, destacou-se, aqui, a mediação da sociosemiótica que ampliou as possibilidades das análises aqui desenvolvidas. Na sequência dos trabalhos do grupo, discutir-se-ão práticas de

vida e de sentido desencadeadas ou orientadas por significantes que estabelecem relações textuais e dialógicas com o espaço das ruas analisadas.

A retomada de “Por uma semiótica topológica”, aqui, se mostrou como uma leitura importante, pois esse texto basilar para os estudos da semiótica mostra uma ampla gama de direcionamentos que fazem presentes nos estudos, nas pesquisas e nas semióticas que se desenvolvem hoje. Mais do que isso, ele nos apresentou também importantes discussões sobre o espaço realizadas outrora dentro da disciplina, além das sendas que pesquisadores diversos seguiram na edificação de seus trabalhos na atualidade.

## Referências

DERTÔNIO, Hilário. *O bairro do Bom Retiro*. São Paulo: Departamento de Cultura da Prefeitura do Município de São Paulo, 1971.

DESAI, Philly. “Methods beyond interviewing in Qualitative Market Research”. in *Qualitative Market Research – Principle and Practice*. vol 3. London: Sage Pub. Ltd., 2002.

DINIZ, Pedro. “Bom Retiro numa boa”. *Revista da Folha*, São Paulo, n. 91, p. 28-33, 1 abr., 2012.

FYSKATORIS, Antoula. *O bairro do Bom Retiro*. mimeo, s/ind. 2013.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989.

GREIMAS, A. J. “Por uma semiótica topológica”. in *Semiótica e ciências sociais*. Paris: Seul. 1976.

KIM, Yoo na. *Na moda: um outro olhar sobre o Brás e o Bom Retiro*. São Paulo: Ed. Do Autor, 2009.

LANDOWSKI, E. *A Sociedade Refletida*. trad. E. Brandão, São Paulo: Educ, 1992.

\_\_\_\_\_. “O Olhar Comprometido” in *Galáxia: revista transdisciplinar de comunicação, semiótica, cultura*. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC. São Paulo: EDUC, 2001.

\_\_\_\_\_. *Presenças do Outro*. trad. M. Barros, São Paulo: Perspectiva, 2002.

\_\_\_\_\_. “Aquém ou além das estratégias, a presença contagiosa”. *Documentos de Estudo do CPS – PUC: SP – v.3*. São Paulo: Edições CPS, 2005.

\_\_\_\_\_. “Para uma semiótica sensível”. in *Educação e Realidade*. jul/dez. s/ind., 2005.

\_\_\_\_\_. *Interacciones arriesgadas*, trad. D. Blanco, Lima: Universidad de Lima, Fondo Editorial, 2009.

MARSCIANI, Francesco. *Introdução à etnossemiótica*. São Paulo: Centro de Pesquisas Sociossemióticas, 2012.

PEZZINI, Isabella; CERVELLI, Pierluigi. “Semiótica e consumo: espaços, identidades, experiências”. *Revista Galáxia*, n. 13, p. 29-45, jun. São Paulo, 2007.

PONCIANO, Levino. *São Paulo: 450 bairros, 450 anos*. São Paulo: Senac, 2004.

SOARES, Sandra. “Bom Retiro de toda gente”. *Veja São Paulo*, São Paulo, ano 40, nº 31, 8 ago. 2007. p. 30-49.

VÖRÖS, Ana; SOUZA, Josenilde; CASTILHO, Kathia; *et. al.* “Totalidade característica da capital paulista na rua Oscar Freire e traços de particularização do comércio de luxo: movimentos de observação, consumo e vivência”. *Anais Colóquio do CPS*, 2012.

\_\_\_\_\_. “Demarcação e Contraste: o comércio de moda nas ruas Oscar Freire e José Paulino em São Paulo”. *Anais SIEP*, 2013.